

Celebremos os filhos da terra

» MARIANA VIEIRA DA SILVA
Ministra da Presidência do Governo de Portugal

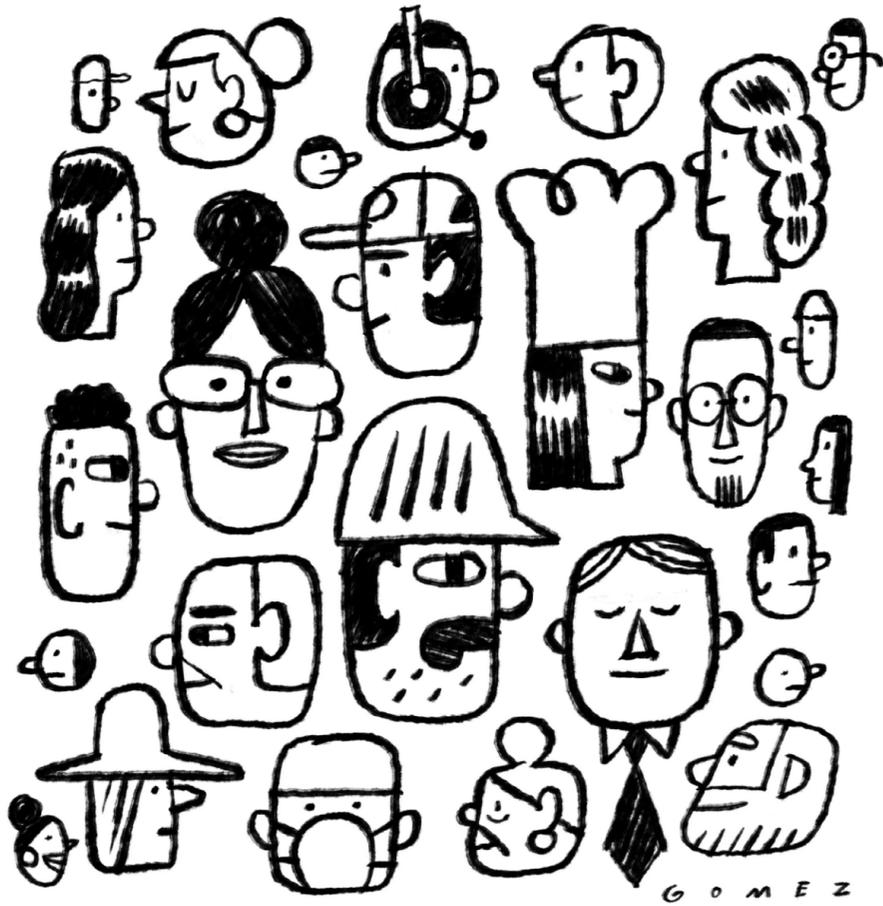
O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas trouxe-me este ano, uma vez mais, até o Brasil para celebrar essa importante data junto da comunidade de portugueses e luso-descendentes que aqui se instalaram, constituíram família, criaram laços, desenvolveram as suas atividades profissionais, tornando-se verdadeiros “filhos da terra”.

O Brasil foi um dos primeiros destinos dos emigrantes portugueses, e é hoje um caso singular nesse contexto. Pela quantidade, pois a nossa comunidade neste país (em torno de 1 milhão de portugueses e luso-descendentes) se conta certamente entre as três mais numerosas no mundo, mas sobretudo pela exemplar integração nas sociedades que os acolhem, pela renovação geracional que ao mesmo tempo que traz sangue novo acrescenta valor a áreas como a cultura ou a economia.

Essa será, aliás, uma característica comum a ambos os povos. Tanto os portugueses no Brasil quanto os brasileiros em Portugal integram-se verdadeiramente nas comunidades que os acolhem, sem perder o elo com a pátria e contribuindo de forma ímpar para o desenvolvimento e progresso do país de acolhimento. Se a história da emigração portuguesa no Brasil é uma história de sucesso, devemos-la não só ao espírito de abertura, capacidade de trabalho, sentido cívico e resiliência do povo luso mas também, e em grande medida, à forma calorosa, generosa e inclusiva como os portugueses aqui são recebidos.

Ainda que nos separe um oceano e a linha do equador, somos povos abertos ao mundo e ao outro e que, partilhando a história, a cultura e a língua portuguesa, nunca nos sentimos estrangeiros no país irmão. É esse sentido de pertença e de comunhão que o 10 de junho celebra, prestando justa homenagem a todos os portugueses que levaram mais longe a nossa cultura, os nossos costumes, a nossa história, a nossa língua e os nossos saberes.

Na minha primeira visita oficial ao país, em 2018, pude testemunhar a forma exemplar como a comunidade portuguesa se integrou na sociedade, constituindo um ativo de grande valor nas mais diversas dimensões da vida coletiva, e contribuindo decisivamente para o fortalecimento das relações entre os dois países. E testemunhei também como a percepção do nosso país no Brasil tem mudado. Graças ao trabalho das comunidades e aos esforços diplomáticos desenvolvidos nas últimas décadas, Portugal é



hoje visto como um país moderno, competitivo e tecnologicamente avançado. Portugal é hoje um país atrativo para os brasileiros de todas as idades e condições econômicas, o que se comprova no fato de o Brasil ser atualmente o principal mercado turístico emissor de fora da Europa e constituir a principal comunidade estrangeira a residir no nosso país.

Os fluxos migratórios e turísticos são, portanto, cada vez mais intensos. Não devemos, aliás, falar hoje de emigração ou imigração, mas antes de mobilidade entre Portugal e Brasil, com quadros cada vez mais qualificados a procurarem oportunidades de trabalho e a encetar ambiciosos projetos de vida, de um ou de outro lado do Atlântico, sem hesitações, gozando das vantagens da língua policêntrica que todos partilhamos.

Portugal e o Brasil compartilham um relacionamento único que vem sendo aprofundado, não apenas no plano diplomático e econômico, mas também numa multitude de domínios que vão da cultura à ciência, passando pela tecnologia, comunicação, saúde, ambiente e agricultura. Os dois países mantêm igualmente uma cooperação estreita em matérias de defesa, segurança e justiça, assumindo o Brasil uma relevância estratégica

fundamental em diferentes eixos da política externa portuguesa: o espaço transatlântico, a lusofonia, a internacionalização da economia e o multilateralismo.

Este é um ano em que esses laços saem ainda mais reforçados, com a realização de várias visitas oficiais por parte de representantes do Estado português e a participação nas celebrações do Bicentário da Independência do Brasil, uma festa brasileira em que Portugal não deixará de marcar uma presença muito visível. E não posso deixar de assinalar esta data sem falar naquele que é o nosso mais valioso bem comum: a língua portuguesa. Esse é um patrimônio inestimável que os emigrantes e luso-descendentes espalhados pelo mundo têm sabido estimar e preservar e que todos nós devemos cultivar.

Essa será, porventura, a melhor forma de enaltecer Luís de Camões, poeta maior da nossa língua e cuja inspiração permanece bem viva nas histórias individuais de cada um dos compatriotas espalhados pelo mundo. São as suas histórias de perseverança, tenacidade e ousadia que hoje importa lembrar e festejar. Celebro este 10 de Junho no Brasil com muita alegria. Viva a língua portuguesa, viva o Brasil, viva Portugal!

Todos os setores dependem da indústria química. Mas o Brasil sabe disso?

» PAULO GALA
Mestre e doutor em economia EESP/FGV, e professor e economista chefe do Banco Master

Segundo maior setor industrial do Brasil, a indústria química fica atrás apenas da indústria de petróleo e de gás natural. Em solo brasileiro, temos instaladas as principais companhias do mundo, não apenas pela nossa importância geográfica e tamanho de mercado, mas também pela riqueza e abundância dos recursos naturais.

Em nível global, é inegável o valor da nossa indústria para o desenvolvimento econômico, tanto de países de primeiro mundo, como de nações em desenvolvimento. Ela está presente na base da matriz de todos os segmentos da economia moderna, fornecendo produtos de forma visível e invisível, impulsionando o crescimento sustentável e justo das economias mundo afora.

A dimensão da nossa atuação está refletida em números. Entre 1990 e 2021, a demanda por produtos químicos no Brasil, teve crescimento médio anual de 3,1%, bem acima dos 2,2% de crescimento do PIB, o que chanceia a elevada elasticidade média histórica de 1.4 vezes da demanda de químicos em relação ao PIB. Enquanto a produção interna subiu apenas 1,4% ao ano, menos da metade do crescimento anual do consumo aparente nacional, as importações cresceram 9,5%, três vezes acima do consumo aparente nacional.

Neste mesmo período os resultados do segmento apontaram para as oportunidades criadas pelo mercado e pelo crescimento da demanda. Oportunidades que poderiam ser convertidas em investimento local, gerando valor e renda para o país, mas as importações acabaram se beneficiando dessa alta, comendo quase 50% da fatia de toda demanda do mercado interno em 2021. Além disso, o saldo da balança comercial do setor também cresceu de forma exponencial, passando de um déficit de cerca de US\$ 1,5 bilhão, em 1990, para o recorde de US\$ 46 bilhões em 2021. Ainda assim, em 2019, a indústria química brasileira alcançou a 6ª posição no ranking mundial, mesmo perdendo uma parcela considerável do mercado interno para as importações.

São indicadores que refletem a evolução das estratégias e comprovam a importância da nossa atividade. Somos responsáveis pela produção de plásticos, fibras sintéticas, peças automotivas, fertilizantes, e uma gama enorme de produtos. Também assumimos o compromisso de melhorar a qualidade de vida das pessoas, investindo em processos de menor impacto socio ambiental e apostando em programas de apoio às cadeias produtivas.

E, mesmo diante de tamanha excelência, ainda esbarramos na falta de competitividade. A consequente descontinuidade de diversas linhas de produção, motivadas pelo aumento das importações sobre a demanda, impactou o desempenho do setor e enxugou o uso da nossa capacidade. Nesse contexto, cabe observar que ainda há o cenário da pandemia, além dos conflitos entre Rússia e Ucrânia. Eventos, que sem dúvida, afetaram nossa atuação, ao mesmo tempo que nos trouxeram mais clareza à necessidade de o Brasil revisar suas estratégias de longo prazo, em especial no que se refere à segurança de importantes cadeias, como a alimentar, de saúde e de produtos químicos que estão na base de produção de fármacos, agroquímicos e fertilizantes, entre outros.

Cabe reiterar que, mesmo diante da nossa relevância e inquestionáveis desvantagens competitivas, nos últimos anos avançamos muito pouco nessa indústria. Pelo contrário! O que vimos foi a capacidade de produção doméstica sofrer uma grave retração e gerar um delicado processo de desindustrialização. A consequência é o impacto às mais diversas cadeias produtivas, processos e sistemas operacionais das corporações, afetando significativamente as atividades estratégicas dos negócios. A percepção que temos é que falta política industrial por parte do Estado. Falta compreender a dimensão da nossa atuação e cabe ao Governo Federal assumir o papel que lhe é devido para promover o renascimento da indústria química brasileira. Já vimos isso em outros países e os resultados são extremamente positivos.

Precisamos de uma oferta de matéria-prima assegure a competitividade das cadeias derivadas para captar mais recursos no País e temos muito potencial a ser explorado. Basta observar o gás natural no pré-sal, o grande diferencial que o Brasil oferece, e, sem dúvida, é uma das nossas principais matérias-primas (e energético) para apoiar a retomada e crescimento do setor.

Trinta e três milhões e 100 mil

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Trinta e três milhões e 100 mil pessoas estão passando fome. Essa informação faz parte do Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil realizado pela Rede Penssan e cujos resultados foram divulgados na última quarta-feira. Esse quadro é definido, segundo critérios técnicos, como insegurança alimentar grave. Estamos falando de 15,5% da população brasileira. Porém, o quadro é ainda mais grave. Se somarmos a esse percentual quem vive em insegurança alimentar leve (incerteza de ter acesso a alimentos) e moderada (quantidade insuficiente de alimentos) temos 125,2 milhões de pessoas, equivalentes a 58,7% da população. Regredimos para o patamar da década de 1990.

Quando lemos uma notícia como essa, há duas formas de reação possíveis. Um olhar estatístico, quase frio, que se limita a uma análise de cunho exclusivamente técnico. Similar às declarações de autoridades explicando mortes de inocentes por balas perdidas como um efeito colateral inevitável. Já o outro traz consigo a empatia com quem vive o drama, provocando um misto de indignação com ações voluntárias de solidariedade. É alarmante sabermos que mais 14 milhões de pessoas passaram a não ter o que comer desde 2020.

Mesmo para quem ainda está conseguindo se alimentar minimamente, o prognóstico não é nada bom já que a inflação continua subindo, podendo chegar ao final do ano com índice próximo de 10%. Inflação alta, como todos sabem, significa perda de poder aquisitivo da parcela mais pobre da população. Assim, mantido esse cenário,

a tendência é o aumento do número de pessoas passando fome. E como essa situação vai impactar a disputa presidencial de outubro? Também na quarta-feira foi divulgada mais uma rodada da pesquisa Genial/Quaest. Os dados mais interessantes dizem respeito à indicação dos principais problemas apontados por quem respondeu ao questionário de forma presencial.

A economia lidera as respostas com 44%, sendo importante registrar que desde setembro de 2021, em todas as rodadas, sempre foi a primeira colocada. Em segundo lugar vem saúde/pandemia com 15%, um crescimento de 2% em relação ao mês passado. Na sequência temos corrupção (11%), questões sociais (11%) e violência (8%). Esse retrato revela que, mantido o cenário, a crise econômica terá papel preponderante nas eleições. Essa tem sido a razão para uma série de medidas de cunho populista levadas a cabo pelo governo federal, com apoio da maioria do Congresso, tentando reverter a situação desfavorável. A última delas foi a imposição do teto de 17% para o ICMS sobre combustíveis, energia, gás natural, transporte público e telecomunicações.

De outro lado, o ex-presidente Lula, líder nas pesquisas, tem sustentado sua atuação procurando reforçar a percepção de parte significativa do eleitorado que identifica nos seus governos períodos em que tinha uma vida melhor. Em seu material de divulgação, de maneira recorrente, faz comparações com o momento atual. Só que a questão não é tão simples como ele procura demonstrar.

O cenário político e econômico que vem se desenhando para 2023 indica enormes dificuldades para o governo que tomará posse em janeiro. O diretor de Política Monetária do Banco Central, Bruno Serra, afirmou recentemente que o momento atual é difícil para a economia global. Segundo ele, os próximos cinco anos serão complicados em razão de uma perspectiva de desaceleração do crescimento em meio à inflação alta, podendo ser necessário uma recessão para o controle de nível de preços.

Por seu lado, caso se confirme sua vitória, será obrigado a enfrentar uma feroz oposição do bolsonarismo, muito diferente da frágil e quase inexistente oposição à época de seus governos. E ainda precisará negociar com um Congresso que se viciou com o poder que amealhou na relação promíscua com o Executivo, onde a peça de resistência é orçamento secreto.

As promessas do ex-presidente de garantir a solução para os problemas sociais, ainda que possam ser sinceras, esbarrarão em condições desfavoráveis. Assim, não será pequena a possibilidade de, logo no primeiro ano de mandato de um eventual novo governo, vermos os eleitores que o teriam elegido com base na esperança de retorno aos bons tempos serem tomados pelo sentimento de enorme frustração cuja superação precisará de muito mais que palavras de otimismo ou de chamamento à confiança no líder. Enquanto isso, continuaremos com 33,1 milhões de pessoas passando fome, com o comportamento delas diante de uma provável decepção com o novo governo?